

filho da noite

ANTONIO CALLONI





filho da noite

valentina



Rio de Janeiro, 2020

1ª Edição

Copyright © 2019 by Antonio Calloni

CAPA

Silvana Mattievich

DIAGRAMAÇÃO

Kátia Regina Silva | editorfarte

Impresso no Brasil

Printed in Brazil

2020

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ
VANESSA MAFRA XAVIER SALGADO – BIBLIOTECÁRIA CRB-7/6644

C162f

Calloni, Antonio, 1961–

Filho da noite / Antonio Calloni. — 1. ed. — Rio de Janeiro:
Valentina, 2020.

160 p. ; 21 cm.

ISBN 978-85-5889-104-2

1. Romance brasileiro. I. Título.

20-62313

CDD: 869.3

CDU: 82-31(81)

Todos os livros da Editora Valentina estão em conformidade com
o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA VALENTINA

Rua Santa Clara 50/1107 – Copacabana

Rio de Janeiro – 22041-012

Tel/Fax: (21) 3208-8777

www.editoravaleentina.com.br

Para meus pais
Laura Gianneschi CaLLoni e Ennio Pietro CaLLoni

PARTE UM

“a vida é sonho...”

PEDRO CALDERÓN DE LA BARCA





... É possível.

É possível que eu esteja vendo uma cortina vermelha, de veludo, pesada, se abrindo perante meus olhos de espectador; e que o espectador seja o inventor, o ouvinte da própria memória e de muitas outras.

O tempo, aprisionado no cheiro desse vento, me mostra que o fantasma do velho que me olhava do alto da torre talvez ainda exista. Aquele que moldou o tempo de meu pai, homem de sonhos, de inocência, e que beijou minha mãe, sua primeira e única mulher. A mulher do corpo, alegre de vida. E de paixões ignorantes e práticas. A mulher do prazer. É possível.

Palavras da infância. Paisagens, cores, histórias, cenários, cheiros. O casarão com seus muitos cômodos imensos. Com seu pé direito assombrosamente alto, majestoso, com ares de castelo. Uma ilha incrustada no meio de uma vizinhança pacata e silenciosa. De interior.

Casarão... e a imagem do velho na torre, olhos vazios a me vigiar enquanto eu corria no imenso jardim. O velho que reconhecia meus músculos e percebia tardiamente, com sua inteligência mais primária, que a vida sempre vence...

Agenor, homem de olfato canino e monstruosa pujança.

O primeiro sonho do filho com a mulher que se dissolvia ao vento.

A intuição do corpo.

A ideia quase sempre hiperbólica.

A visão do gavião inerte, no chão – “ele não voa mais...”

A porra e a morte.

Minha mãe. Seu enorme desejo estava sempre perto, espetacular, fácil, solar. Faltava-lhe inteligência, sobravam-lhe oceanos.

A morte é sempre o melhor estímulo. A vida é sempre o melhor estímulo. O primeiro choro, o berro, o choque, o medo, a claridade, o calor, o carinho, o colostro. O cenário jamais deixa de ser real, o casarão e seus fantasmas estão lá.

É possível.